

# CHICO MENDES E RAIMUNDO: “NÃO VAMOS MORRER COMO SAPO DEBAIXO DO PÉ DO BOI”

(Agosto de 1984)

*Xapuri, 29 de julho de 1984.* A reportagem da *Folha do Acre* se faz presente no município para apurar os últimos acontecimentos da situação que estão vivendo os trabalhadores rurais no recente caso com a Bordon. Decidimos entrevistar o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, Francisco Mendes, o Chico Mendes, e também Raimundo Barros, membro do sindicato. Foi surpreendente. Os dois não apenas mostraram um quadro completo da situação, como deram lição de política de povo, de postura coletiva e ecológica, apresentando ainda propostas práticas, justas e sensatas para a ocupação e o desenvolvimento econômico do Acre. (*Everaldo e Norma*)

*Folha* – Nós queremos saber como está a situação com o grupo Bordon, depois da suspensão da liminar que autoriza a derrubada.

*Chico* – Apesar de estarmos na luta há quase 150 dias contra a derrubada em outras áreas, no momento complicou-se mais a questão da Bordon. Já existe uma briga antiga da Bordon com os posseiros.

*Folha* – Desde quando?

*Chico* – Desde 1974. Atualmente a situação se agravou porque eles resolveram fazer uma grande derrubada com a licença do Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF)<sup>1</sup>. Querem desmatar 1.680 hectares sem a mínima avaliação do que existe dentro da área. Num rápido levantamento contamos aproximadamente três mil árvores de seringueira que serão destruídas, além de castanheiras e madeira de lei. Antes eles haviam conseguido enganar alguns posseiros, indenizando-os com migalhas, pressão e outras artimanhas. A situação se agravou porque eles não se contentaram com os 1.680 hectares e decidiram avançar além do permitido, atingindo áreas de alguns posseiros que nunca foram indenizados e que moram há 42 anos na sua posse, como é o caso do Vicente Alves de Oliveira, mais conhecido como Vicente Tributino, que abriu sua colocação e nela vive e trabalha com sua família há 42 anos. Agora, sem nenhuma justificativa, eles queriam acabar com a posse do companheiro.

*Folha* – E o que vocês fizeram?

*Chico* – Diante desta situação “empatamos” a derrubada, e todos os outros companheiros posseiros partiram em solidariedade à luta do Vicente, pois se assim não agíssemos eles partiam para atingir todas as outras áreas.

*Folha* – E como se deu esse “empate”?

*Chico* – No dia 20 fizemos o primeiro com aproximadamente 11 companheiros. Mas como é uma área grande, no dia seguinte somamos 23 homens e fomos até outra frente de derrubada. De forma pacífica desmontamos a barraca de alguns

peões. Isso em sinal de protesto, pois não queríamos que eles continuassem com as derrubadas. Logo o advogado da fazenda encaminhou um documento pedindo abertura de inquérito contra os posseiros, acusando-os de terem se transformado em bandos e quadrilhas e que, armados em número de 40, tentaram invadir a fazenda com agressões, isso e aquilo.

*Folha* – Qual o resultado do inquérito?

*Chico* – A secretaria e os órgãos de segurança acatam o pedido do advogado e são intimados 23 posseiros. Estes não atendem à intimação, pois estavam conscientes de que não haviam praticado nenhuma violência. Compareceriam, isso sim, ao sindicato. O sindicato se interessou em apurar o caso e fez com que os 23 companheiros chegassem até a cidade para prestar depoimentos. De tudo o que se ouviu é que as armas que conduziam eram facões e algumas foices para cortar pique no mato. E que a única pessoa armada com um revólver 38 era o gerente da fazenda, o senhor Tomaz Coelho. Bom, a partir daí foi aberto inquérito, o que eu estranho muito. Quatro dias depois, cinco jagunços da fazenda...

*Folha* – Esse inquérito foi encaminhado pela Secretaria de Segurança?

*Chico* – Foi.

*Folha* – Depois disso, o que aconteceu?

*Chico* – Quatro dias depois os companheiros retornaram para suas posses, cinco jagunços da fazenda começaram a correr as áreas dos posseiros, ameaçando-os. Todos os cinco estavam bem armados, de revólver, espingardas, pistolas e outras armas que os posseiros não conseguiram identificar. No dia 29 de julho, eles foram na posse do Luiz Ferreira e derrubaram o seu barraco. Ainda no mesmo dia tentaram e ameaçaram derrubar o barraco do Antônio Cândido. A partir daí generalizou-se um clima de medo e desconfiança. Como se não bastasse, o advogado consegue uma liminar do juiz, doutor Jorge Cardoso, autorizando a continuação da derrubada, o que lhe dá o direito de ter o apoio da polícia no caso do empate. E o pior é que cada posseiro foi condenado pelo documento do juiz a pagar *um milhão de cruzeiros por dia*, caso voltassem a empatar a área novamente. Os jagunços iniciaram imediatamente a derrubada, mesmo não tendo o direito. Eles agiram arbitrariamente e o juiz, ao mesmo tempo, ordenou a vinda de um pelotão da polícia militar para dar cobertura à derrubada, mesmo sabendo que os posseiros tinham direito a recorrer. Nesse momento, o sindicato, que já havia convocado uma grande assembleia dos trabalhadores para discutir a solução do caso, resolve transformá-la no 1º Congresso dos Trabalhadores Rurais Sindicalizados de Xapuri. A abertura do Congresso, dia 24 de julho, coincide com o dia em que a fazenda inicia a derrubada, num total desrespeito e humilhação aos posseiros. Então, quase duzentos posseiros quiseram anular o congresso e organizar uma marcha até a Bordon em sinal de protesto e revolta, pois se viram prejudicados. Daí a direção do sindicato lança uma proposta: a de sustar a liminar, através do advogado de defesa.

No dia seguinte, com a chegada do advogado, descobrimos uma série de erros. No documento, o advogado da fazenda acusava os posseiros de bandos e quadrilhas, enquanto essa frase devia ser colocada para os empregados da fazenda, que foram os únicos que se transformaram em bandos de pistoleiros para ameaçarem os posseiros.

Viu como a coisa se inverteu? O desmate foi suspenso. De há muito sabemos que os dirigentes da Fazenda Bordon agem de má-fé. Não acreditamos que eles parem por aí. O Congresso, no entanto, aprovou por unanimidade que iremos aguardar a decisão da Justiça, já que conseguimos a suspensão do desmate, mas estaremos prontos a revidar qualquer tipo de agressão no que diz respeito à continuação da derrubada. Existem comentários de que eles irão novamente continuar a derrubada, mesmo antes do pronunciamento da Justiça. Nós ainda não acreditamos bem, mas, por outro lado, já que eles sempre agiram de má-fé, nós ficaremos atentos e vamos fiscalizar durante todos estes dias se realmente a decisão da Justiça está sendo cumprida.

*Folha* – Raimundo, e com relação à área em que você mora?

*Raimundo* – Existem sessenta famílias morando no Seringal Guaporé, que não pertence à Bordon, mas que faz extrema com ele. Nós somos solidários com esses companheiros, pois também somos vítimas do pessoal da Bordon. Eles já conseguiram invadir quatro colocações do Seringal Floresta. Ainda bem que foram poucas colocações. Essa situação trouxe certa revolta por parte dos companheiros que estão mais acima do Seringal. Nós nos revoltamos porque sabemos que eles vivem constantemente dizendo que essa resistência, esse atrevimento dos posseiros dentro da área da Bordon (Seringal Nazaré), só existe porque são incentivados pelo pessoal do Floresta. Da nossa parte queremos dizer que no Floresta não tem ninguém, pois as pessoas tomam posição por livre e espontânea vontade, porque sabem que é o direito deles que está sendo ameaçado e porque ninguém quer, de forma nenhuma, se transformar em marginal dentro da cidade – é o que vai acontecer se deixarmos nossas colocações lá no Seringal e vir para a cidade –, viver morrendo de fome, roubando, apelando para alguma coisa para ir aguentando enquanto for vivo. E, lá no Seringal, na maioria das vezes, sem quase nada mesmo, e a gente trabalhando muito, vive-se muito mais tranquilo. Nós realmente não queremos nos transformar em pessoas que vêm para a cidade criar ambientes piores do que temos lá. Pelas notícias que temos recebido por boca de terceiros, é que chegaram três jagunços de fora – que não são pessoas daqui do Acre e que estão lá na mata procurando ver se arrumam pista para chegarem nas nossas colocações. Certamente para dar fim na gente. Isso é o que vem pelas conversas. Agora tem sinais que vêm justificar que isso é verdade, pois, dias atrás, lá na minha colocação, estamos sendo incomodados pela latideira dos cachorros que não deixam a gente dormir. Tanto é que estamos vivendo com bastante cuidado. Agora, ninguém se intimida e estamos dispostos junto com os outros companheiros do Nazaré a não deixar, de forma nenhuma, que esses camaradas continuem destruindo nossas florestas, pois é dela que tiramos nossa sobrevivência. E isso nós não vamos mesmo permitir, de forma nenhuma.

*Folha* – Raimundo, deixa a gente entrar um pouco por aí, para entender melhor. Nós já havíamos falado nesses desmates onde a perda de riquezas é enorme, no caso da seringueira, da castanheira e da madeira de lei. Agora, numa avaliação rápida da área que já foi desmatada, qual seria o prejuízo em termos financeiros? E qual a diferença que existe nesse desmate de agora?

*Raimundo* – Eu vou falar uma parte e o Chico entra na parte do valor. Uma das táticas deles é justamente essa, inclusive se baseando no Código Florestal: este dá

garantias de defesa à castanheira e não à seringueira, quer dizer, uma garantia no papel, porque no dia a dia não tem garantia nenhuma às castanheiras. As coitadas que escapam nessas grandes derrubadas é por sorte, porque eles não deixam nenhuma proteção conforme está escrito no papel do IBDF. Além do mais, a proteção é somente para a castanheira; eles não dão proteção à seringueira, que é uma árvore que dá uma produção direta; a gente entra ano e termina ano tirando da árvore a borracha. Pois é desta que nós compramos todas as outras coisas que a gente não consegue tirar da terra, do roçado. No caso, o açúcar, o sal, a munição, o sabão, o querosene. Todas essas coisas, nós compramos com o dinheiro da borracha. Enquanto que a castanha só dá uma vez por ano, tendo ano que ela não dá nenhuma. E as seringueiras possuem uma produção efetiva. É por isso que eles têm interesse em destruir a seringueira, porque destruindo, sem dúvida nenhuma, se expulsa o seringueiro. E a intenção deles é justamente essa.

Quanto mais farta a mata de seringueira, mais eles penetram para destruir. Nós já sabemos que essa destruição da seringueira e da castanheira tem trazido um grande sacrifício para o município, onde a queda do Imposto sobre Circulação de Mercadorias (ICM) é grande. O Chico tem esses dados mais claros.

*Folha* – Chico, o sindicato já deve ter apurado essa situação com relação ao desmate, qual é a avaliação?

*Chico* – Nós temos encontrado dificuldades. Vamos ver o que aconteceu na Fazenda Santa Fé, de propriedade do senhor Veríssimo. Lá desmataram 16 alqueires, foram destruídas 502 árvores de castanha. Tomando por base os últimos cinco anos, então, já foram desmatados 1.100 alqueires e tomaram aproximadamente 6 mil árvores de castanha, que resultaria no momento atual no valor de seis bilhões de cruzeiros só em madeira. Prejudicados: o município e o estado. Isso sem falar nas madeiras de lei e nas seringueiras – além, é claro, da própria produção de castanha. A Fazenda Bordon, caso se concretize essa derrubada atual, tombará 3 mil seringueiras. Isso sem falar nas castanheiras, pois ainda não temos dados, apesar da pouca produção de castanha nessa área. Agora estamos avaliando que, por baixo, vão ser destruídas 3 mil árvores de seringueiras. O valor correspondente em dinheiro: 50 milhões de cruzeiros de prejuízo para o município. É com esta questão que, desde 1970, a arrecadação do ICM em Xapuri vem caindo. Em 1970 a previsão de arrecadação anual atingia 10 milhões de cruzeiros. De 1970 para 1978 cai para cinco milhões de cruzeiros, para você ter uma ideia como é que foi essa queda, isso sem computar a desvalorização da moeda e a inflação, pois se computarmos isso vai se resumir a nada. O comércio de Xapuri no passado era um comércio fabuloso, com grandes casas comerciais: Casa Limitada, Casa Zaire, Casa Kalume, Alfredo Zaire, Casa Galo e outras mais, todas essas casas eram comércios fabulosos no município, pois funcionavam como casas aviadoras e compradoras do produto da região, especialmente a borracha e a castanha. Há quinze anos chegavam aqueles navios no porto de Xapuri para carregar borracha; a borracha hoje produzida no município de Xapuri era produzida há dez anos num só seringal. Hoje a situação está complicada, pois estamos sentindo a cidade regredindo sem desenvolvimento, e seu comércio está quase à falência. Atualmente, existe apenas uma casa comercial em Xapuri, a Casa Portuguesa. O resto fechou, pois não existe movimento. O seringueiro em sua

grande maioria já foi substituído pelo boi. E o boi, continuamos afirmando até hoje, não ajudou em nada o município, o que trouxe foi só prejuízo.

*Folha* – Não traz benefícios? Não traz arrecadação?

*Chico* – Não é abatido aqui, logo não há comércio de carne, pois o comércio continua sendo mantido pelo abastecimento de carne do pequeno produtor, como há vinte anos. Os bois são levados aos milhares para fora do estado, para fora do município sem deixar um centavo de renda. Aqui só fica o rastro do boi. E ainda por cima existem essas grandes derrubadas; elas são feitas com o objetivo único de expulsar o homem do campo. Pois veja o caso da Bordon, me diga pra que desmatar se eles já têm milhares de hectares de terras desmatadas, se sabemos que parte dessas terras, pelo menos 50% delas, viraram capoeirões? Eles derrubam pelo simples prazer de derrubar, com o objetivo único de expulsar o homem da terra. Isso acontece também nas Fazendas Filipinas, Nova Esperança, Santa Fé e tantas outras fazendas; você tem de ter uma ideia: em Xapuri 70% de suas terras estão nas mãos dos latifundiários e já passou da hora dos governos tanto no nível estadual como no federal se posicionarem diante disso. Porque temos de ver com clareza um ponto: garantir a sobrevivência do homem, a sobrevivência do trabalhador seringueiro, é garantir a própria sustentação da economia e a fonte de riqueza do estado, onde prevalece o extrativismo, apesar de toda a destruição. O sustento é a seringa e a castanha. E se acabar, pronto! Eu não sei o que será do homem que trabalha na terra. E vai ficar ruim também para o homem que trabalha na cidade, porque no campo a tendência é ser expulso. Nesse caso da Bordon, o homem expulso do seringal vai inchar as periferias da cidade e tem o caso daqueles que fogem do Brasil.

*Folha* – Como é essa situação?

*Chico* – Há anos que a Bordon e outras fazendas expulsam os seringueiros e os posseiros. A forma de sobrevivência desse pessoal é na periferia da cidade de Rio Branco. Estes estão marginalizados, drogando-se, roubando e suas filhas na prostituição, não têm emprego, então a solução é roubar. Outros se mandaram para a Bolívia, lá está cheio de seringueiros expulsos por fazendeiros. Agora o restante que existe aqui no nosso município não pode ser expulso de sua posse, eles não têm mais lugar. Os jornais têm publicado sobre a situação dos seringueiros brasileiros que enfrentam problemas com o governo boliviano. É vergonhoso para nós se falar nisso, dizer que tem 40 mil irmãos nossos na Bolívia; é uma humilhação, já que no Acre tem tanta terra. A Amazônia, apesar do pouco conhecimento que a gente tem, sabemos que ela é a maior reserva florestal do mundo e nela já não há mais lugar para o seringueiro, para o trabalhador! Aquele homem tradicional que explora a área em que vive. É um absurdo, então chega o momento que não dá mais pra gente aguentar essas coisas de braços cruzados. E quando nós nos organizamos para lutar contra tudo isso, somos taxados de agitadores, subversivos, incitadores da violência. Não é nada disso, quem incita a violência, quem gera a tensão local e o tumulto são aqueles justamente que querem acumular terra e riquezas. Querem toda a terra para si, deixando a grande maioria sem nada. Eu acho que o que estamos realmente fazendo é lutando para que essa tensão que eles falam, esse problema social não se agrave mais tarde, porque se continuar do jeito que vai, se não tiver providências por parte

do governo federal e das autoridades, pois a eles cabe a competência de resolver o problema e não resolvem porque não querem, eu não sei o que pode acontecer.

*Folha* – Qual foi a posição do governo federal e a do governo estadual?

*Chico* – O federal não se manifestou, mas a posição é a favor do latifundiário, declaradamente; nós sabemos, porque se analisarmos bem as coisas a nossa luta não é só contra os Bordon. É contra os Rubicos de Carvalho, os Veríssimo da Costa Neto, contra todos os fazendeiros, mas eles estão aí, apoiados pelo sistema, e se isso não fosse admitido em nível federal o problema não existia. Nós não esperamos nada da parte desse governo, desse sistema. Quanto ao governo estadual, é um governo com uma posição não muito definida. Ele alega que pode haver provocações que venham justificar uma intervenção federal. Entendemos que, por se tratar de um governo estadual, eleito pelo povo, eleito pelo voto popular, ele tem um grande compromisso a prestar ao povo; deveria se posicionar, apoiá-lo e lutar com ele. O que eu tô vendo: o Secretário de Segurança, em um encontro realizado pelo sindicato, no dia 1º de junho, declarou perante centenas de trabalhadores e posseiros que ficassem tranquilos que a polícia não iria intervir em problemas de terra, isso não era da alçada da polícia. Era claramente em defesa desse povo, porque, mesmo que se viesse justificar uma intervenção federal, ele teria o respaldo desse povo, que, de qualquer forma, teria; e que a gente tem convicção que depois da declaração do Secretário de Segurança a coisa mudou. No dia 20 de junho, 23 companheiros nossos foram chamados a interrogatórios, quando não haviam praticado nenhuma violência, e a gente lê os jornais já tendo a certeza que companheiros que ficam em outras áreas do município de Rio Branco foram fuzilados por policiais, possivelmente de acordo com os fazendeiros. Há poucos dias sabe-se que chegou um contingente da polícia militar aqui; embora aparentemente não estivessem mal-intencionados, o certo é que eles vieram a mando do juiz e a pedido do advogado que tem a liminar favorecendo a derrubada na Bordon; se o nosso advogado de defesa não conseguisse a suspensão dessa liminar, os posseiros estariam tentando defender seus direitos, indo empatar a derrubada. E com certeza a polícia ia ser usada contra os posseiros. Então fica uma pergunta no ar.

*Folha* – Qual é?

*Chico* – Qual a posição realmente das autoridades ligadas aos órgãos de segurança, principalmente o senhor Secretário de Segurança? Pois, da nossa parte, esperamos que ele realmente mantenha a sua palavra prometida no dia 1º de junho: “Que não é da competência da polícia intervir em assuntos de terra”. E nós sempre respeitando, pois o nosso propósito é o de não contribuir para com a violência. Queremos e sabemos que temos direitos, que são para nós sagrados. A própria lei diz que temos direito. O que é muito simples, pois basta que se cumpra essa lei. O que nós realmente queremos é resolver nossos problemas pacificamente, baseados nos direitos que temos. Agora, temos bastante claro que não vamos nos humilhar diante das agressões e das provocações e morrer calado que nem sapo debaixo do pé do boi; isso aí eu acho que não dá. Nós colocamos essa opção como último recurso. Por ora, o que queremos é resolver o problema através do diálogo, também, não trazendo prejuízo para os trabalhadores. Queremos resolver a situação de comum acordo com benefícios favoráveis aos trabalhadores.

*Folha* – Queremos saber isso com relação ao diálogo, quando você se refere ao governo federal e também ao estadual. Queremos saber sobre a visita dos parlamentares. Qual foi a posição deles e como vocês os viram?

*Chico* – Com relação aos deputados não houve uma posição definida, Xapuri tem representante na Assembleia, mas esse representante em nenhum momento se fez presente junto aos trabalhadores na hora da luta. Têm aparecido discursos, leio nos jornais, mas nós entendemos que o discurso não resolve nada quando ele não vem acompanhado da prática. A prática, a presença, a intervenção direta do parlamentar é que conta. Pois se ele existe como representante de uma comunidade, o papel desse parlamentar deveria ser o de assumir a luta do trabalhador. Agora o que a gente tem visto e notado ultimamente dos políticos, é que chegam de última hora trazendo a sua solidariedade; e a gente espera que esta seja de fato verdadeira e que ela não seja apenas uma forma de aparecer diante do trabalhador. O que a gente espera é o compromisso desses políticos que estão se pronunciando. Que não fique só no pronunciamento, mas que assumam também... Olha que o trabalhador já não é mais burro para entender as coisas. Ele tem de confiar nas pessoas que realmente assumem o papel na hora da luta.

*Folha* – Foi noticiado pela imprensa que o senador Mário Maia<sup>2</sup> encaminhou telex solicitando a desapropriação da área. Qual a sua opinião?

*Chico* – Nós lemos que o senador Mário Maia solicitou aos órgãos e autoridades federais a desapropriação dessa área em conflito. Nós concordamos que a solução é a desapropriação. Agora, vamos ver, porque o Incra<sup>3</sup> também desapropria, só que com um objetivo de beneficiar os fazendeiros, quer dizer, dá 20% para os posseiros e 80% aos fazendeiros. Essa não nos interessa. A que nos interessa é aquela que venha à altura e de acordo com os interesses do seringueiro. Não seria a desapropriação de 50 hectares de terra para o seringueiro cortar um lotezinho de terra. O que, em vez de resolver, iria complicar mais. A desapropriação que propomos deve ser baseada num modo que dê condições de o seringueiro continuar na sua produção extrativista.

*Folha* – Qual o encaminhamento que o sindicato está dando?

*Chico* – O sindicato realizou um congresso. Agora, como é do conhecimento de todos, o governo criou uma comissão para resolver os problemas de terra, embora saibamos que até agora ele não tenha tomado uma posição de caráter decisivo frente a isso. Há dias o sindicato aprovou algumas propostas. As propostas apresentadas à comissão de alto nível não passaram pela discussão nas bases do sindicato. Mas o Congresso decidiu colocar as suas propostas em pauta, e elas foram discutidas. Elas vão ser encaminhadas estes dias a todas as autoridades federais, estaduais, inclusive ao governador do Estado. É justamente aquilo que eu falei: do tipo de desapropriação que venha beneficiar o seringueiro. As nossas propostas são: 1 – que o IBDF faça cumprir a lei federal que proíbe o desmatamento nas cabeceiras de rios e vertentes; 2 – que o IBDF faça prevalecer a lei que dá proteção às seringueiras e não só às castanheiras; 3 – que as áreas para desmate sejam limitadas e não afetem as castanheiras; 4 – que os seringueiros que já tenham quinze anos de posse tenham o direito de receber a escritura de toda a extensão de sua área, como forma de resolver

o problema; 5 – que o fazendeiro só possa desmatar depois que o IBDF fiscalizar a área e for constatado que não existem posseiros dentro dela, ou áreas de muitas seringueiras e castanheiras.

*Folha* – Qual a situação dessas terras da Bordon, já que foi levantado?

*Chico* – O advogado descobriu e nos mostrou os documentos que eles compraram uma área com 43 mil hectares de terra por dois milhões de cruzeiros e que só têm título de reconhecimento de 15 mil hectares.

*Folha* – Quer dizer que, além da questão mais política que estamos vendo, tem uma questão para ser vista na Justiça?

*Chico* – A ser vista na Justiça, é uma das formas de resolver o impasse. Pois vamos manter os seringueiros onde eles estão. Nós perguntamos: por que só grande tem direito a financiamento a longo prazo e a juros baixos para criar gado? E por que não se reconhece o direito da posse do seringueiro? Agora veja: se o seringueiro tem assistência financeira e técnica, ele também poderia tirar financiamento para fazer a sua criação de gado sem afetar e nem destruir as seringueiras e as castanheiras; além de ser uma forma de distribuir toda essa riqueza, em vez de ficar nas mãos de umas poucas pessoas que tiram 50 [milhões], 100 milhões de cruzeiros para comprar gado e levar para fora e não deixar nenhuma renda para o município. E se distribuíssem essa importância em financiamento para os seringueiros renderia muito mais em economia para o estado! Essa produção dos trabalhadores da terra não seria para o próprio município? O seringueiro poderia criar seus 50, 100 bois. Assim estaríamos fixando o homem na terra, promovendo o desenvolvimento a partir da estrutura da terra. Desenvolvendo na terra o tipo certo de agricultura. E a borracha sempre como manutenção e servindo para a compra de outros gêneros que a terra não dá. Com isso se geraria riqueza para o estado. O que está faltando é iniciativa dos órgãos responsáveis. Nós não queremos e nem estamos pedindo o impossível, nós estamos querendo o mínimo, que é o direito de sobrevivência, o direito de ter uma vida digna, numa sociedade democrática. É o direito de viver como cidadãos livres. E de gozar dos nossos direitos que todos os outros gozam; se é uma sociedade democrática, então vamos dar oportunidade a todos os indivíduos.

*Folha* – A imprensa pode ajudar?

*Chico* – Achamos que a imprensa é um órgão que ajuda muito num momento desses. Nós consideramos a imprensa como uma arma de apoio e que pesa principalmente quando se coloca ao lado da luta dos trabalhadores nos momentos decisivos. Nós consideramos e temos um grande respeito pela imprensa, desde que ela também assuma um papel de defesa dos interesses dos trabalhadores.

*Raimundo* – Nós também agradecemos a contribuição que vocês têm nos dado. A gente espera que continuem sempre a dar, porque não queremos de maneira nenhuma o isolamento de nossa luta, como foi em tempos atrás, e que essa luta passe a ser divulgada na medida do possível; inclusive gostaríamos que todo esse Brasil conhecesse tudo que se passa hoje com a gente. Infelizmente, nem todas as situações que passamos é possível dar conhecimento delas. A gente precisa que companheiros tomem conhecimento do que se passa aqui, a fim de que eles também procurem fazer alguma



coisa a nosso favor, porque a gente tem certeza de que a cidade depende do trabalho do campo, assim como quem está no campo depende de quem está na cidade.

*Chico* – Só para completar as palavras do Raimundo. Esta luta precisa do apoio e da solidariedade de todos os segmentos da sociedade, porque nós entendemos que chegou a solidariedade da cidade e do campo, então vamos nos unir de braços dados e organizar uma luta unida porque o trabalhador estando organizado terá mais possibilidades de alcançar os seus objetivos, e nós não acreditamos no sucesso de uma luta isolada; por isso o Sindicato de Xapuri resolveu abrir as suas portas desde há muito tempo para todos os setores da sociedade, para o diálogo, para a discussão ampla e aberta. Nós não jogamos por detrás das cortinas. O nosso jogo é aberto, porque vimos que a nossa luta é justa. Portanto, não temos o que esconder. Nós queremos realmente que os outros órgãos, as entidades de classe, também sejam solidários com a nossa luta, porque milhares de brasileiros estão nesta mesma luta. Os nordestinos e os sulistas chegam aos milhares, foram expulsos da terra nas suas regiões; o pessoal está chegando aqui e nós estamos de braços abertos para esses companheiros. Agora, se nos expulsam daqui, para onde vamos? Pois os companheiros já estão vindo expulsos; na Bolívia não têm mais lugar. E seria vergonhoso sair de um país imenso como o nosso, o maior país da América do Sul. É triste ver seus filhos saírem daqui porque não têm terra! Não se justifica. Então, tem de haver uma mudança desse sistema aí, para resolver o problema; do contrário, esse país se transformará num país de tensões sociais, com futuro imprevisível; daqui alguns dias, quando os trabalhadores não tiverem mais terras para trabalhar, as cidades não tiverem mais empregos, o que vai acontecer? Uma agitação social muito maior, os governantes que aí estão e as autoridades que estão com a solução nas mãos estão de olhos fechados e não querem ver isso, só querem ver subversão, comunismo, o que eles veem é o trabalhador fazendo subversão, agitação, não enxergam o outro lado da questão; eles não querem prejudicar os seus interesses, sua política pessoal e o povão aí se acabando. Veja o papel da polícia em nossa sociedade: reprimir os trabalhadores; mas se essa polícia descobrisse que ela é fruto da classe trabalhadora; pois veja quem é um policial, um soldado. Eles não são filhos de doutores, de barão, todos são filhos de trabalhadores. Eles têm de ter essa consciência, pois ao invés de eles usarem a repressão contra os trabalhadores deviam ser solidários porque possuem a mesma raiz trabalhadora.

**Fonte:** *Folha do Acre*, nº 380, Rio Branco, 5 de agosto de 1984, p. 10 e 11.

## NOTAS

---

<sup>1</sup> O Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF) era uma entidade ligada ao governo federal com a incumbência de tratar os assuntos relativos às matas e florestas brasileiras. Em 1989, esse instituto foi extinto e sua estrutura foi transferida para o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis, o Ibama. (N. E.)

<sup>2</sup> Senador Mário Maia (1925-2000). Médico, foi eleito deputado federal pelo Estado do Acre na legenda do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) em 1962. Durante a

ditadura militar esteve nas fileiras do Movimento Democrático Brasileiro (MDB) e foi reeleito em 1966. Juntamente com outros deputados, foi cassado e perdeu seus direitos políticos em 1968, com a vigência do Ato Institucional nº 5. Em 1979, ao retomar a carreira política, filiou-se ao Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB) e foi eleito senador pelo mesmo estado em 1982. Transferiu-se para o Partido Democrático Trabalhista (PDT) em 1986, quando foi candidato a governador do Estado do Acre. Foi eleito deputado constituinte, com poderes outorgados pelo Congresso, e tornou-se segundo secretário da Assembleia Nacional Constituinte. (N. E.)

<sup>3</sup> Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) é uma autarquia federal criada em 1970 com a missão prioritária de realizar a reforma agrária, manter o cadastro nacional de imóveis rurais e administrar as terras públicas da União. (N. E.)